

Salgueiro Maia, o “implicado” no 25 de Abril

(...)

Dias antes, no Café Bijou, em Santarém, Salgueiro Maia recebia de dois capitães enviados por Otelo Saraiva de Carvalho o plano de operações. Depois de duas missões nas colónias de Moçambique, (1967-69) e Guiné (1971-73), Maia passa a integrar a comissão coordenadora do Movimento das Forças Armadas (MFA), como um dos três delegados da Cavalaria. Então, foi-lhe confiada a missão de comandar a coluna da antiga Escola Prática de Cavalaria de Santarém que se uniria às demais unidades de Lisboa. Eram esses os planos que lhe foram comunicados numa das mais célebres pastelarias escalabitanas*, famosa pelas celestes, um doce regional de amêndoa e ovos.

“Sabíamos que eles tinham reuniões no Café Bijou, em Santarém, já havia uns zunzuns”, admite, na manhã fria de Março de Penha Garcia, nos arredores de Monsanto, ao PÚBLICO, o soldado Luís Almeida, um dos 240 homens da coluna. Entre os rumores e a realidade passou algum tempo.

“Fui contactado pelo Movimento em Outubro de 1973, quando regresssei de Moçambique, onde tinha sido adjunto do Salgueiro Maia”, relata Carlos Beato, alferes miliciano de Cavalaria. “Ia passar à disponibilidade, quando o Maia me contou o que se passava — era difícil dizer-lhe que não; era um grande comandante, um grande cidadão e um grande líder”, justifica. “Sabia ao que ia, estava entre um grupo restrito que sabia estar em preparação uma acção militar.” E aguentou-se na Escola Prática de Santarém.

Na manhã de 24 de Abril, pelas 11h, na parada “Chaimite” do quartel chegou a esperada comunicação. “É logo à noite”, foi-lhe revelado.

“Só soubemos às 23h45 que era para arrancar”, confessa o soldado Luís Almeida. “A maior parte foi acordada a meio da noite, mas ninguém se queria levantar porque pensava que era uma praxe*”, ironiza. “No anfiteatro dentro do próprio quartel, o Salgueiro Maia explicou do que se tratava. Foi quando ele fez o discurso do Estado, ‘o estado a que isto chegou’...”, relata.

“Isto” era a situação do país, com uma guerra em três frentes, arrastando-se militarmente e sem solução política. “Pensei que, se calhar, vamos acabar com aquilo, com a guerra”, recorda. Tinha 21 anos e a esperança de não ir à guerra. “Viemos 240 para Lisboa, não vieram mais porque era preciso guardar o quartel, tirando dois ou três que não queriam mesmo vir”, lembra Luís Almeida. “O comandante do meu pelotão era um furriel que, anos mais tarde, morreria numa acção das FP25 [Forças Populares 25 de Abril], num assalto.”

“Eu tinha 26 anos, o Salgueiro Maia 29, a maior parte da coluna para a *Operação Fim de Regime* tinha entre os 20 e os 30 anos”, recorda o então alferes Carlos Beato. “Saímos já passava das 3h, chegámos ao Terreiro do Paço às 6h30” refere. A coluna saiu de Santarém pela então única estrada que ligava à capital e o ruído dos blindados e Chaimites passou despercebido.

“O meu pelotão de 25 homens ficou na Baixa lisboeta, num círculo à volta da Rádio Marconi, Banco de Portugal e Câmara Municipal de Lisboa”, descreve. “As pessoas estavam felizes, traziam comida, leite, tabaco...”, recorda.

(...)

Nuno Ribeiro, <https://www.publico.pt/2022/04/03/politica/noticia/salgueiro-maia-implicado-25-abril-2000907>

"escalabitano" : Natural ou habitante de Santarém.

« praxe » : bizutage